



LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS: A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

Introdução

Este artigo é uma partilha de algumas reflexões que temos vindo a organizar a propósito do papel dos estudos literários na área de aplicação da educação literária, tendo como ponto de partida e lugar de fala o subsistema da literatura infanto-juvenil. É assim que, para chegarmos à questão eterna da teoria e dos estudos literários – o que é a literatura? – valerá, de cada vez que abrimos e entramos num livro que surge nos escaparates sob a etiqueta, normalmente comercial, identificando-o como "obra literária" ou "literatura", irmos perguntando: isto é literatura?

Quase paradoxalmente, enquadrámos ainda estas reflexões graças à evolução da teoria da literatura, inclusivamente, à própria resistência à teoria, expressão que o desconstrutivista Paul de Man (1919-1983) usou para título de uma das suas obras de referência, na sua luta, juntamente com Jacques Derrida (1930-2004), contra a busca na literatura da essência das ideias e das coisas. Numa afirmação provocatória, Paul de Man confessava que: "the main theoretical interest of literary theory consists in the impossibility of its definition". Criticando os formalistas e o *new criticism*, preferia, grosso modo, às hipervalorizadas buscas de sentido fora ou dentro da obra, e respectivas teorizações, as concretizações da linguagem literária em cada obra, e em que quer a presença do autor e do seu tempo, quer o trabalho de análise puramente textual, não podiam ser ignorados.

De facto, nas últimas décadas do século XX, finda a era das lutas teóricas, já elas reflexo do fim das preceptivas – ou seja, as normas de movimentos estéticos que, até social



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

e politicamente condicionados e condicionantes, predefiniam taxativamente o que era preciso encaixar no binómio forma-conteúdo para que, com uma linguagem própria e incomum – única liberdade do autor, a poética – acontecesse literatura; findas estas eras, os estudos literários, para além do conhecimento enciclopédico que resulta também numa história das teorias sobre literatura, vêm-se a braços não só com uma explosão de autores para lá de relativamente pequenas elites que antes eram os escritores validados por um identificável número de instituições (academia e agremiações), mas por uma importância surpreendente do leitor na concretização da obra literária enquanto tal.

A moderna democracia também afectou os estudos e a crítica literários. A academia e os prémios mantêm-se instituições legitimadoras, mas abrem-se à saudável polémica da liberdade de opinião e precisam de redobrar forças para ombrear com duas outras poderosas instituições que actuam segundo regras próprias, e duras, e sobrevivem juntas como irmãos siameses: o mercado e a fama. O primeiro lidera a vida contemporânea como o dinheiro já o faz há séculos; a segunda ganhou escala com o poder da comunicação social. Como acontece com quase tudo o que existe sob o sistema democrático, a informação e formação de cidadãos que possam escolher em consciência é o principal desafio. E a literatura não lhe escapa. Para quem produz algum conhecimento a partir da área da cultura, em particular do livro, da leitura e da literatura, parece-nos fundamental que se adopte o bom princípio de que, quando esse conhecimento é partilhado com o maior número possível de cidadãos, ainda que com graus de interesse diferentes na área, se criam condições para uma maior consciência cívica e, conseqüentemente, um melhor uso do sistema democrático.



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

O que nos vai orientando, actualmente e nos estudos literários, é o facto de já nenhum crítico ou académico na área poder negar que a literatura é também ela um sistema: nela se criam produtos de construção complexa, com várias peças – materiais e imateriais - a ter em conta para que o todo funcione enquanto tal. E em que intervêm actores, e têm os seus impactos, outros produtos de outros sistemas adjacentes igualmente complexos. Um sistema dinâmico quer na sincronia, com o tempo de Aion (da ciclicidade), quer na diacronia, com o tempo de Cronos (do devir sistematizado em passado, presente e futuro).

Conscientes disto, importa-nos a nós, os contemporâneos, preocuparmo-nos com uma coerência informada, de forma que qualquer abordagem crítica possa ser uma opção que, partindo de uma metodologia que não será novidade, pode adequar-se a uma finalidade que vai para além do funcionalismo ou de um pragmatismo oco. Para lá do utilitarismo, mas sem cair na vaidade do "só porque sim" da arte pela arte. O ideal é que não fiquemos nem ensimesmados num exclusivismo de exercícios técnicos, que chegarão a poucos, nem reféns de outras linguagens, de outros conhecimentos, que empalideçam o contributo dos métodos e das técnicas de abordagem às obras a partir do lugar próprio dos estudos literários. Trata-se de saber lidar com o imanentismo (análise estrita da linguagem literária) e a subsidiariedade (tendência estruturalista, mas ainda mais alargada ao abrigo já não da competição que levou ao desconstrutivismo, mas da cooperação ou colaboração a que apelamos nos dias que correm). As duas posturas usadas de forma equilibrada e articulada, em função da tal entidade que ganhou expressão no final do século XX e que parece manter-se no início deste nosso século que já completou duas décadas: o leitor.



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

Consequentemente, quando chegamos à conclusão de que os estudos literários ajudam a responder à necessidade de prestar informação e formação aos cidadãos, não tardarão a anexá-los às ciências de educação. Sobretudo quando para a educação literária centramos a nossa perspectiva dos estudos literários na literatura para a infância e juventude e, mais ainda, quando os estudos de caso são livros-álbum ou livros-objecto dedicados aos pré-leitores, com escassíssimo texto verbal.

De facto, quando se trata de literatura para a infância tudo se inclina, de forma quase natural, para o lado dos "consumidores", os destinatários de uns textos verbais enfeitados com outros textos visuais, embrulhados em cuidados que, como rendas e lacinhos, enchem o olho de quem os manusear e usar. Coincidentemente, quando se trata de educação literária há também esse interesse mesmo: manusear e usar. E é aqui que as estratégias e as técnicas desenvolvidas pelas ciências da educação se empenham: investigam, experimentam, avaliam, acompanham, aferem, adaptam, num processo de eternos retornos que visa, precisamente, um retorno que, com as outras ciências com que se cruzam, permita que o conhecimento se difunda, se aprofunde e se torne mais e melhor. Ou, pelo menos, que não se perca, até como referência histórica que explique processos, tão dinâmicos como os organismos vivos de que dependemos, de que nos rodeamos e a cujo ecossistema pertencemos.

Importa aos investigadores cujo "lugar de fala" é o dos estudos literários, que trabalham matéria com destinatários ambivalentes (os reais que são as crianças e os instrumentais, os adultos), continuarmos a considerar o que está para além da linguagem literária, mas sem nunca a esquecer como sendo o que valoriza a matéria trabalhada. Até



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

quando manuseamos alguns livros sem uma única palavra que não seja o título. Porque é esse valor que distingue a educação literária de outra área da educação. Por educação literária entendemos não apenas, mas também, dar a conhecer a história das obras e autores que nasceram fruto de sistemas rígidos – períodos e gerações, formas e relações com as referências que as palavras guardam. E esta educação específica poderá mesmo passar por dar a conhecer as posições críticas que, ao longo do tempo, se foram tomando sobre literatura. Estas perspectivas da educação literária visam já uma certa especialização, que vai para além de uma sensibilização: a de retirar de uma obra o prazer de uma fruição que se saiba justificar, com argumentos mais conscientes, mais precisos e capazes, talvez, de continuar a cadeia de sensibilização.

Mas à educação literária entendemos ainda, como bem escreveram Leonor Riscado e Rui Marques Veloso, que cabe também "formar crianças leitoras, emocionalmente inteligentes e imaginativamente interventivas.". Destes leitores esperamos que sejam capazes não apenas de entender ou descodificar o discurso linguístico de um texto, mas também compreender os seus sentidos implícitos, o seu contexto, mobilizando as suas referências, a sua enciclopédia pessoal, o seu intertexto leitor, para o apreender o mais profundamente possível. Que se torne primeiro um prazer, depois uma fonte de descobertas, sem deixar de continuar a ser um prazer.

Começemos por recuar ao século XIX e ao grande Eça de Queirós. A viver em Inglaterra, Bristol mais precisamente, um dos nossos mais famosos prosadores escrevia numa das suas *Cartas de Inglaterra* o seguinte:

"Em Inglaterra existe uma verdadeira litteratura para creanças, que tem os seus



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

classicos e os seus inovadores, um movimento e um mercado, editores e genios—em nada inferior á nossa litteratura de homens sisudos. Aqui, apenas o bebé começa a soletrar, possui logo os seus livros especiaes: são obras adoraveis, que não contém mais de dez ou doze paginas, intercaladas de estampas, impressas em typo enorme, e de um raro gosto de edição. Ordinariamente o assumpto é uma historia, em seis ou sete phrases, e decerto menos complicada e dramatica que O Conde de Monte-Christo ou Nana; mas emfim tem os seus personagens, o seu enredo, a sua moral e a sua catastrophe."

"O que se faz ás vezes é animar de uma vida ficticia os companheiros inanimados da infancia: as bonecas, os polichinellos, os soldados de chumbo. Conta-se-lhes, por exemplo, a tormentosa existencia d'uma boneca honesta e infeliz: ou os soffrimentos por que passou em campanha, n'uma guerra longinqua, uma caixa de soldados de chumbo. Esta litteratura é profunda. As privações de soldados vivos não impressionariam talvez a creança—mas todo o seu coração se confrange quando lê que padecimentos e miserias atravessaram aquelles seus amigos, os guerreiros de chumbo, cujas bayonetas torcidas ella todos os dias endireita com os dedos: e assim póde ficar depositado n'um espirito de creança um justo horror da guerra.

As lições moraes que se dão d'este modo são innumeraveis, e tanto mais fecundas quanto sahem da acção e da existencia dos seres que ella melhor conhece—os seus bonecos.

Depois vêm ainda outros livros para os leitores de doze a quinze annos: popularisações de sciencias; descripções dramaticas do universo; estudos captivantes do mundo das plantas, do mar, das aves; viagens e descobertas; a historia; e, emfim, em livros



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

de imaginação, a vida social apresentada de modo que nem uma realidade muito crua ponha no espirito tenro securas de misanthropia, nem uma falsa idealização produza uma sentimentalidade morbida."

E continua:

"Pois bem; eu tenho a certeza que uma tal litteratura infantil penetraria facilmente nos nossos costumes domesticos e teria uma venda proveitosa. Muitas senhoras, inteligentes e pobres, se poderiam empregar em escrever essas faceis historias: não é necessario o genio de Zola ou de Thackeray para inventar o caso dos tres velhos sabios de Chester. Ha entre nós artistas, de lapis facil e engraçado, que commentariam bem essas aventuras n'um desenho de simples contorno, sem sombras e sem relevo, lavado a côres transparentes... E quantos milhares de creanças se fariam felizes, com esses bonitos livros— que, para serem populares e se poderem despedaçar sem prejuizo, devem custar menos de um tostão!".

Nesta carta encontramos muitos dos preconceitos que persistem até hoje sobre literatura infanto-juvenil e prendem-se, precisamente, com a instrumentalização da literatura quando esta é para crianças, uma concepção pela qual não podemos querer mal a Eça, mas poderemos apontar como uma lacuna a alguém que se mova no mundo da literatura nos dias de hoje. Se alguns desses preconceitos já poderíamos discutir com o grande Eça, para o contrariar, outros, os que se prendem com os para-textos de uma obra, ou os que dizem respeito às características das personagens, dizendo-se elementos adequados ao leitor-modelo e implícito, organizado pelas idades, muito nos servem ainda para dedicarmos um outro olhar, mais preciso e especializado, à literatura infanto-juvenil e



LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS: A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

percebermos a importância desta adjectivação. E é precisamente esta adjectivação (infanto-juvenil) que nos permitirá falar da importância da investigação neste subsistema literário para o lugar dos estudos literários, hoje, na sociedade.

É precisamente porque nos estudos literários nos dedicámos a estudar a literatura para a infância e juventude que estaremos em condições de suscitar, não a pergunta que tem respostas múltiplas – o que é a literatura? - inclusivamente em função dos gostos, sempre justificados, mas as perguntas que um potencial leitor de literatura se colocará para decidir se o que leu, por prazer e lazer, é ou não é literatura.

Esse leitor empenhado, mas ocioso (por oposição ao leitor que profissionalmente se dedique aos estudos literários e à literatura para a infância e juventude) tenderá a julgar a obra em função do seu conceito de infância ou adolescência, mais do que a preocupar-se com a literariedade que tanta tinta fez correr entre os teóricos do século XX, e que Eça resume à genialidade. Aliás, é isto mesmo que nos diz Zohar Shavit, nome incontornável neste campo de estudos, quando escrevia em *Poética da Literatura para Crianças*: "(...) as bibliotecas para crianças dos séculos XVIII, XIX e XX contêm os mesmos títulos, mas quando se abre os livros torna-se bastante evidente que os conteúdos variam consideravelmente. O que de facto conta é o modo como a infância é entendida pela sociedade, pois são as percepções da sociedade que em larga medida determinam o que é que realmente se encontra entre a capa e contracapa."

Ora, a estas percepções não estão imunes os grandes autores de literatura que, num ou noutro momento da sua vida, dedicaram algum do seu tempo a pôr a sua arte ao alcance dos leitores infanto-juvenis. Nesses exercícios, que é o que sinceramente podemos chamar a



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

estes casos pontuais dos grandes nomes, poderemos talvez encontrar as mesmas dúvidas dos que, sem retórica, lançam a pergunta "o que é um bom livro para crianças?".

Foi esta a hipótese que nos colocámos e cuja experiência aqui apresentamos, ensaiando alguma análise. Hipótese resultante não apenas de leituras de obras e estudos sobre obras dedicadas aos mais novos, mas do contacto com quem quer trabalhar literatura com os mais novos. Por trabalhar entenda-se preparar as obras e a melhor forma de serem aproveitadas pelas crianças e adolescentes, activando-lhes o sentido estético, mas também incentivando a, partindo da estética, pensar o seu lugar no mundo, experiência filosófica que acciona a ética e a política como mais dois sentidos para sentir o mundo.

A Eça de Queirós já lhe parecia particularmente eficaz activar o sentido lúdico, quer quando falava do efeito pelo cómico, quer quando falava do efeito pelo trágico que acontece a brinquedos e não a pessoas. Hoje sabemos que nem só de riso, nem de brinquedos, se faz a literatura para a infância e juventude. Hoje sabemos que não há temas impossíveis nesta literatura, também porque as crianças e jovens de hoje não têm o mesmo lugar na sociedade que tinham no tempo do Eça.

Vamos, então, falar de três nomes maiores da literatura portuguesa. São três homens que tendo escrito para adultos, em determinada altura das suas vidas fizeram um desvio e dedicaram um texto, ou deixaram que assim se fizesse, a um leitor implícito criança, texto que passou a integrar o subsistema específico da literatura infanto-juvenil. São eles Vergílio Ferreira (1916-1996), José Saramago (1922-2010) e António Lobo Antunes (1942). Não é um trio, nem uma tríade, mesmo tendo-se conhecido e sendo contemporâneos, já que nem as histórias do relacionamento pessoal entre eles nos permite



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

considerá-los um conjunto. São conhecidas as desavenças registadas entre Lobo Antunes e Vergílio Ferreira, entre Lobo Antunes e Saramago, tal como as tensões entre Saramago e Vergílio Ferreira. Feita a advertência, vamos então partir de três contos que estes autores gigantes dedicaram, ou não se importaram que dedicassem, aos mais pequenos: *A Estrela* de Vergílio Ferreira (1972), *A Maior Flor do Mundo* de Saramago (2001) e *A História do Hidroavião* de Lobo Antunes (1994). Começemos por Vergílio Ferreira.

Vergílio Ferreira: não se é só mais uma estrela no céu

Como também a investigação actual em literatura para a infância e juventude já conseguiu provar, e até condicionará autores nossos contemporâneos nesse sentido, todos os temas podem ser abordados em livros infantis, seja a morte, a pobreza ou a hipocrisia social, como é o caso *em A Estrela*.

Por outro lado, e num outro sentido, o próprio Vergílio Ferreira escreveu na introdução ao volume *Contos* que: "Escrever contos foi-me sempre uma actividade marginal e eles relevam assim um pouco da desocupação e do ludismo. E se um conto (como uma cerâmica ou uma gravura) bem realizado excede em importância um mal realizado romance (ou um quadro a óleo), será sempre um conto, ao que julgo, de uma dimensão menor que a de um romance. Entendo por dimensão a estrutura básica de um género ou forma estética que envolva determinadas possibilidades artísticas e humanas."

Actividade pontual como contista *versus* labor de uma vida de romancista, ao autor parece preocupar relativizar o valor do texto pela dimensão do género em que o escreve e não para quem o escreve.



LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS: A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

Em 1972, Vergílio Ferreira publica uma colectânea de dispersos, *Apenas Homens*, onde se encontra o texto "A estrela". Em 1988, a editora Quetzal publica-o em separado, ilustrado por Júlio Resende (1817-2011), figura maior da pintura portuguesa, e confere-lhe assim uma dimensão para-textual própria de livro infantil. O conto inicia com uma ligação magistralmente feita entre o título e o conteúdo: "Um dia, à meia-noite, ele viu-a. Era a estrela mais gira do céu, muito viva, e a essa hora passava mesmo por cima da torre. Como é que a não tinham roubado? Ele próprio, Pedro, que era um miúdo, se a quisesse empalmar, era só deitar-lhe a mão."

O enredo anuncia-se ali, a par do elemento sempre fantasioso, ou maravilhoso, facilmente conotado com o universo cultural infantil, de tornar literariamente possível o naturalmente impossível. Por se tratar de um livro para jovens leitores, talvez se espere desde o princípio que o final possa ser feliz, que quem rouba aprenda uma lição que lhe sirva para o resto da vida. Mas mesmo terminando com o gesto de reparação do crime, Pedro, a personagem principal, não escapa à morte e toda uma aldeia que, pelas piores razões se uniu para o julgar, remete-se a um silêncio mais de remorso que de luto. Vergílio Ferreira e o existencialismo não cedem nem um milímetro face a um jovem leitor que procure esperança numa acção de arrependimento.

Não há uma moral da história para crianças, há uma lição de e para a vida que todos, sem idade definida, têm oportunidade de ir aprendendo na leitura atenta do texto completo. Porque é na caracterização, mais ou menos breve ou demorada, das personagens, seja directamente pela descrição do narrador, seja pelo discurso directo ou interior que enunciam, que vamos colhendo retratos de indivíduos que, aconchegados à



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

moral colectiva e hipócrita, empurram o pequeno Pedro de sete anos para a morte. Vejam-se esses retratos nos exemplos do texto, quando a população da aldeia se dá conta de que a estrela tinha sido roubada e todos acabam por exigir que o ladrão seja apanhado. Atente-se no tom de escárnio que as frases deixam passar, onde as caricaturas aparecem nos nomes próprios e nas alcunhas das personagens, como definições que cada uma das personagens encarna da hipocrisia social:

"Ninguém tinha dado conta do roubo a não ser ele, porque as pessoas, como tinham de trabalhar, quando era a altura de as estrelas acordarem, era também a altura de elas estarem a dormir. E mesmo que não estivessem ainda a dormir, não tinham tempo de reparar nas estrelas, porque tinham de reparar noutras coisas. Mas o velho não podia já trabalhar e também não tinha sono. De maneira que, para ir passando a noite, que levava mais tempo a passar que o dia, gostava às vezes de se pôr a olhar as estrelas. E foi assim que deu conta do roubo. (...) E o Sr. António Governo, que era muito importante lá na aldeia por ser muito rico e gostava de ser popular até onde, evidentemente, a coisa não metesse chatices, pôs-se logo ao lado da opinião de toda a gente e chegou mesmo a dizer:

- Olha eu agora a ralar-me por causa de uma estrela. O que mais falta são estrelas. Por mim podiam levá-las todas que não perdia o sono.

Mas aqui o Cigarra [o velho] bateu o pé, que por sinal era bem grande:

Isso é que não, senhor Governo. (...)."

E mais adiante:

"A mãe do Pedro, a bem dizer, tanto se lhe dava como se lhe deu que tivessem levado a estrela. À primeira porque havia muitas e queixar-se alguém assim era como se se



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

queixasse de lhe roubarem uma azeitona. À segunda porque só as olhava no Verão, quando vinha para a porta a tomar um pouco de ar. Ou nem as olhava, já tinha visto, não era preciso ver outra vez. Quanto ao pai até se ria – estaria tudo maluco? (...). Mas como não gramava o Governo por ter muita proa e sobretudo razão para a ter, e como por outro lado devia favores ao velho que até fora padrinho da mãe, lá ia perguntando também quem teria sido o sacana que empalmara a estrela."

Para, a caminho do desfecho, o texto continuar:

"E como o António Governo gostava de dar bons exemplos, chamou o filho para ser um homem e ir pôr a estrela no seu lugar. (...) O filho do Governo, ou porque não acreditasse nessa história de queimadura, ou porque se esquecera já dessa história, ou porque estava com pressa de ser homem, deitou a mão à estrela. Mas logo largou um urro, enquanto largava também a estrela, porque aquilo queimava que nem o fogo do inferno. Pedro apanhou logo a estrela a ver se se tinha partido. Foi quando o pai dele se adiantou com um braço no ar a pedir silêncio a toda a gente. E toda a gente lhe deu o silêncio que ele pedia. Então ele disse:

- O meu filho é que tirou a estrela, o meu filho é que a deve lá ir pôr.

Toda a aldeia achou bem. Que aquilo é que era um pai. Que aquilo é que sim. Pedro ia ouvindo tudo sem ter opiniões, que também lhe não pediam. E muito calmo, com a estrela nas mãos, meteu pela porta da torre. (...)

De modo que, ao verem a estrela finalmente no seu sítio, largaram todos o "ah" que competia mas que saiu como um urro (...). Nem mesmo repararam que assim que foi posta no seu lugar, a estrela começou logo a brilhar menos, embora brilhasse muito."



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

Por outro lado, o texto parece dar a possibilidade de se explorar a banalizada metáfora da pessoa querida que, depois de morta, se transforma em mais uma estrela no céu. Jorge Luís Borges trata estas possibilidades poéticas numa das brilhantes conferências que se reúnem na obra *Este Ofício de Poeta* (compilação editada em 2000). A propósito da "metáfora", e referindo-se a vários sentidos de noite e de estrelas, Borges, em 1967, afirmava: "(...) se entramos no pensamento abstracto temos de esquecer que as palavras são metáforas. Temos de esquecer, por exemplo, que na palavra "considerar" há uma sugestão astrológica – originalmente, "considerar" significava "estar com as estrelas", "fazer um horóscopo". Devo dizer que o que é importante na metáfora é o facto de ser sentida pelo leitor ou ouvinte como metáfora."

Confrontemos a nossa leitura com o que escreve a investigadora Isabel Cristina Rodrigues, quando nos alerta para um elemento para-textual, neste caso o título do texto. Os paratextos são elementos e componentes de um livro a que a investigação em literatura para a infância e juventude tanta importância dá, até porque muitas vezes o *corpus* verbal trabalhado pouco mais se estende do que para além do título e breves intervenções no meio ou à margem da linguagem visual que fala mais alto e é usada para dar a ler/ver o livro ao leitor infantil. Diz assim, Isabel Cristina Rodrigues:

"Os títulos de Vergílio Ferreira são, pois, títulos em viagem constante de um texto a outro, mostrando que as palavras de que se compõem os referidos títulos transportam uma carga simbólica tão forte que não podem esgotar-se em aparições singulares e ultrapassam em fascínio o simples exercício de titulação. Por isso, há títulos que se repetem porque há obsessões que se mantêm e, mesmo que seja para excluir depois, os títulos pertencem



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

efectivamente aos textos a que aparecem associados, tal como nos pertencem roupas e objectos que já não usamos mas de que não ousamos desfazer-nos.". Mas, como continua a investigadora é, para além dos títulos que transitam de um género menor para outro maior, o sentido do trágico que percorre toda a obra de Vergílio Ferreira, mesmo nos exercícios de quase depuração das linhas essenciais com que se desenha esse trágico, os exercícios de escrita dos contos, como este *A Estrela*.

Exercício preparatório ou texto com direito a livro único próprio, ilustrado com uma qualidade inquestionável, o que se escolheu para dar a ler aos mais novos de Vergílio Ferreira não fica em nada a dever ao que o autor escreveu para leitores adultos. É ainda e sempre a visão trágica da vida, a criança sacrificada pelo adulto, num texto destacado dos outros, estamos em crer que muito por causa também da personagem infantil - a que também serve para se dar a ler Vergílio Ferreira aos mais novos -, mas de onde saem retratos muito mais interessantes de uns adultos puerilizados. *A Estrela* ensina-nos que a literatura não está só nos enredos, nos heróis, nas personagens principais virtuosas. Está nos retratos de ambientes, de figurantes, em vozes que se cruzam como se preexistissem ao momento em que excertos são fixados num texto breve com a precisão necessária para que tudo faça sentido: personagens, enredo e compreensão leitora.

Fazendo já a passagem para José Saramago, e para outro menino, desta vez um herói de longa e festejada vida, que também teve as suas hesitações e angústias, é no dentro do próprio texto literário - meta-referência com a ironia dos pós-modernos - que a compreensão leitora também se explica: "Em certa altura, chegou ao limite das terras até onde se aventurara sozinho. Dali para diante começava o planeta Marte, efeito literário de



LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS: A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

que ele não tem responsabilidade, mas com que a liberdade do autor acha poder hoje aconchegar a frase. Dali para diante, para o nosso menino, será só uma pergunta sem literatura: "Vou ou não vou? E foi!".

José Saramago: quem conquista o amanhã não tem nome próprio

O herói anónimo de Saramago em *A Maior Flor do Mundo* só poderia ter um texto literário à sua altura se fosse uma epopeia. Ora, nem Saramago nem a época em que escreveu são dados a epopeias. Mais, como lemos na sua confissão quase peritextual (há nesta obra uma espécie de prefácio e uma espécie de posfácio que a integram), Saramago nem sequer é dado a escrever histórias para crianças, remetendo esse assunto para um baú, até de frustrações: "Que me seja desculpada a vaidade se eu até cheguei a pensar que a minha história seria a mais linda de todas as que se escreveram desde o tempo dos contos de fadas e princesas encantadas... Há quanto tempo isso vai!"

A Maior Flor do Mundo é muito mais do que um texto literário para ser lido por crianças, sem mais "porquês", nem "para quês". É um pequeno manual sobre linguagem literária, talvez até sobre as questões levantadas na disciplina de tradição norte-americana, a escrita criativa. É um texto feito por quem sabe desse ofício de ser escritor de literatura e o revela aos seus leitores. Saramago não finge que sabe escrever a pensar neste ou naquele leitor, mesmo sabendo nós que se escreve sempre para alguém e nunca, nem poesia, só para si mesmo.

Os ilustradores João Caetano e André Letria, bem como Diego Mallo que trabalha, na curta animada da obra, com o realizador Juan Pablo Etcheverry, a que se junta o músico de



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

Emilio Aragón, ilustradores que já leram este texto e publicaram as suas "leituras", captam bem a definição de texto híbrido, entre o ficcional e o documental, que propomos. Se o filme e João Caetano incluem Saramago dentro do livro e da história (o filme tem como única voz a voz-*off* de Saramago e tem-no como personagem numa inteligente adaptação), André Letria joga com o lápis e o caderno, **objectos** que substituem e representam o escritor, a par da "tinta vegetal" que surge na primeira e nas penúltima e última duplas páginas. Estamos, pois, perante o que poderíamos classificar em literatura também para a infância e juventude como não-ficção. Até por isso, este texto nos ajuda na defesa de uma de entre outras afirmações que podemos assegurar em estudos literários: "nem toda a literatura é ficção e nem toda a ficção é literatura".

Este texto de Saramago não nos deixa entrever nele o Saramago dos adultos, mas laivos, pinceladas de um mestre da palavra literária, com pausas muito bondosas para explicar ao jovem leitor que o poder da palavra é tão importante como a beleza de uma flor e como crescer em liberdade e responsabilidade, para além dos limites que tantas vezes nos impõem. Saramago, neste texto, põe em realce, num exercício de quase humildade, as vertentes estética e política do saber-fazer literário. E chega, inclusivamente, ao pré-conceito comum de quem fala de literatura para a infância e juventude: da necessidade de uma moral da história, de uma lição a retirar.

Ao contrário das duas opções, também diferentes entre si, de Vergílio Ferreira e de António Lobo Antunes, como veremos a seguir, há neste texto, muito mais uma evocação de uma infância que poderia ter sido a do próprio Saramago. É também disto que se faz, não apenas a literatura para a infância e juventude, mas toda a literatura: evocação da



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

memória, representação do que já foi e se torna presente pela palavra literária e a (re)criação de um mundo. História ou cosmogonia, história como revisitação de um mundo já ausente e cosmogonia como criação de um mundo novo. Entre a memória e a criatividade.

Como referimos, Saramago não deixa de, com este esboço de uma espécie de parábola, não sem um herói individual que, não tendo nome, podemos ler como símbolo de futuro, representar uma geração, que reativa outro símbolo: o de uma flor que representa, como os cravos da Revolução de Abril representaram, um tempo novo. O filme animado capta muito bem este sentido no final, quase como num filme de ficção científica: um colectivo que parece prestar homenagem a uma enorme flor. Não estaremos a tresler o texto se o lermos como um apelo à construção dos "amanhãs" que os hinos comunistas cantam, o que é perfeitamente coerente com a história de vida de Saramago. Com *A Maior Flor do Mundo* aprendemos que a literatura se faz de contextos e peri-textos e epi-textos que nos ajudam a entender o texto, não só como concretização de uma linguagem literária, mas como objecto cultural, produto de correntes de pensamento em que o estético se relaciona com o político e o social. E isto também é educação literária.

Não gostaríamos de terminarJosé Saramago sem fazer referência a uma edição de um texto do autor de 1973 que ganhou, 40 anos depois, um formato considerável para dedicar-se a um leitor infantil: trata-se de "O Lagarto", um conto breve incluído num volume intitulado *A Bagagem do Viajante* que reuniu as crónicas escritas por José Saramago para um jornal diário nacional e outro regional, portugueses. A história narra o aparecimento no Chiado de um misterioso lagarto, cuja presença surpreende toda a gente e mobiliza a



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

intervenção dos bombeiros, do exército e até da aviação. Num estilo que podíamos qualificar como claro e preciso, esta fábula, que fala de uma flor que ganha asas, oferece uma pluralidade de sentidos que podem ser lidos por leitores de todas as idades. Esta edição conta ainda com umas magníficas xilogravuras de J. Borges, um artista, e poeta brasileiro, conhecido pelos seus folhetos de cordel, natural de Pernambuco, onde nasceu em 1935 na cidade de Bezerros. E não deixa de ser curioso, quase como se de um fenómeno cultural se tratasse, que se tenha criado assim, mesmo após a sua morte, uma espécie de poética da literatura saramaguiana para a infância.

Da criança como indivíduo, no existencialista Vergílio Ferreira, passando pelo menino que sai da sua zona de conforto para ajudar a fazer o futuro representando uma nova geração, chegamos ao texto de António Lobo Antunes, onde não encontramos, espantemo-nos, nenhuma personagem infantil.

António Lobo Antunes: há lugares onde a infância não deve viver (mas pode saber que existem)

Nunca se ouviu ou leu uma palavra significativa do próprio António Lobo Antunes sobre este livro, que tem ilustrações do músico e cantor Vitorino. Editado pela primeira vez em 1994, integra também, como os outros, as listas do Plano Nacional de Leitura e tem sido alvo de referências precisamente por sair dos critérios generalistas que definem as obras que cabem dentro do subsistema da literatura para a infância e juventude.

Rita Simões, num artigo em que trata este texto como um conto exemplar da relação ler-educar, coloca a questão mais óbvia a quem tem estes pré-conceitos habituais: "Se por



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

um lado, observando os aspectos paratextuais, nos deparamos com características próprias de uma literatura para a infância, como sendo a composição gráfica da capa, um número reduzido de páginas, o formato do livro ou o tipo de ilustrações que nele encontramos, por outro lado, somos, de um certo modo, surpreendidos pela temática. Os sentimentos e emoções daqueles que abruptamente foram obrigados a voltar à metrópole escondem-se nas entrelinhas de cada uma das páginas mas logo se mostram a cada acto e a cada fala das personagens. A pobreza, a miséria, a nostalgia, a sujidade, aparecem e desaparecem conforme o protagonista alterna entre o presente e o passado, a tristeza e a euforia, Lisboa e Luanda, respectivamente."

Legitima-se esta sua inclusão com a questão do duplo-destinatário na literatura para a infância e juventude, que Zohar Shavit marca como axioma, não sem, de facto, se constituir como um elemento de estranhamento no subsistema. E é essa estranheza que, mais uma vez, nos leva a elevar a investigação em literatura para a infância e juventude a território fértil também para a centralidade do papel dos estudos literários na educação literária. Se este texto não quebra horizontes de expectativa a quem o encontra na biblioteca da literatura infantojuvenil portuguesa, não saberemos que outro quebrará.

Ana Margarida Ramos (2003) já chamou a atenção para como este texto permite o contacto dos mais novos com a literatura pós-colonial, com a realidade histórica do retorno das ex-colónias que, a partir de 1975 constituiu uma questão social, política e, acrescentaríamos agora, humanitária, em Portugal. Realçou na linguagem de António Lobo Antunes e no uso da gramática da língua portuguesa, o sentido de abandono e desesperança a que foram deixados milhares de pessoas.



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

Vejamos alguns excertos:

"De forma que estava o homem diante de casa, às voltas com ases e manilhas, e sentado ao lado dele, num balde ao contrário, um cego de óculos de mica. Muito direito, atento com os ouvidos que é como os cegos vêem, a enrolar uma mortalha com deditos de croché, e mal os sons rareavam, sinal de que o homem hesitava a pensar, o cego perguntava logo, inquieto:

- - Como é Lisboa, Artur?" (pp. 11-12)

"(...) e o homem, de gola levantada por causa das trações da bronquite, a pensar que ele e o baralho se achavam em Portugal há três semanas no mínimo: do andar na Amadora que umas senhoras de fita ao pescoço lhe prometeram no aeroporto nem sombra, e nisto o cego, curioso, a chupar o cigarro, numa voz que se confundia com os grilos:

- - Como é Lisboa, Artur?" (p. 14)

"E como se não bastasse a barraca, a fome e o ventinho das gripes, o cego muito direito, embrulhado no tabaco e nos óculos de mica, a insistir, na vozinha de grilo:

- Como é Lisboa, Artur?" (p. 15)

"Um indiano de sandálias tinha acendido um candeeiro de petróleo num contentor tombado, feito um balcão com caixotes, colado um cartaz com a equipa do Belenenses na ferrugem, vendia fiado gasosas e cervejas mornas, à espera que os clientes recebessem o subsídio do Governo, e o cego na dele:

- Como é Lisboa, Artur?" (p. 15)

"O cego era criatura de adereços, possuía uma bengala de metal que se encolhia e aumentava como os metros articulados dos carpinteiros, e nas raras ocasiões em que se



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

levantava do balde caminhava de queixo ao alto, varrendo os passos com aquela espécie de antena: ia do balde à arrecadação ali perto, em que escondia um cobertor, e como, por assim dizer, era sempre noite para ele, a bengala impedia-o de esbarrar em algerozes e de tombar em valados. Talvez fosse o único, dos que chegaram de África, capaz de caminhar na cidade, seguindo a haste mágica que devia ter um mapa das ruas no castão. Se quisesse ia de certeza de Cabo Ruivo à Amadora (é um exemplo) sem uma hesitação para amostra, pelo que o do baralho não entendia a pergunta, soprada, com o ventinho da tarde, nos intervalos das cartas.

- Como é Lisboa, Artur?" (pp. 19-20)

Como vemos, este texto retoma o que reconhecemos como a voz de Lobo Antunes: os discursos directos repetitivos a darem voz a pensamentos obcecados e obsessivos, questionando o concreto não só em busca da resposta rápida e directa, mas essencialmente, as respostas para os destinos de uma certa espécie de gente que procura adaptar-se a um meio – social, familiar, psicológico – de que se sente alheada, estranha, e até expulsa. Uma repetição que, não podemos ignorar, tantas vezes caracteriza o discurso infantil da idade dos porquês.

Os adultos, fora do lugar em que desejavam estar – as memórias de uma África tornada paradisíaca pelo contraste com a quebra que a realidade ofereceu às expectativas do regresso a uma metrópole – são apresentados e discorrem sobre o seu quotidiano, como crianças que brincam: o jogo das cartas, as vendas de um negócio sem lucro, as perguntas e as promessas pueris. O texto aparece-nos quase como uma lenda, das antigas que se contam a propósito de um costume ou de uma marca curiosa na paisagem. Aqui, é a



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

propósito de um hidroavião abandonado – um monstro de aço que atravessa mares a ligar terras, como dragão maravilhoso ou cavalo alado – que se constrói não a história do mesmo, como o título pode sugerir, e sobre o qual a criança até ficará a querer saber mais, mas a história de muitos "retornados" da descolonização, contando-se a história de Artur.

Artur é o nome da personagem principal que constrói a história do hidroavião a partir da sua condição – um retornado sem esperança, como outros que se retratam e de que se conta uma história colectiva no início do texto -, mas impulsionado pela condição do cego que, curioso apesar da sua condição de cego, queria saber como era Lisboa. E pelo desprezo acomodado de um indiano vendedor de produtos de venda ambulante, mas sedentarizado. Artur, como o herói homónimo que foi rei de terra gasta, parte para uma outra Avalon, lugar mítico de quem continua a ser já não sendo, mas livre do peso de estar amarrado a um lugar que também não é o seu.

Artur é o retrato de quem perdeu o que tinha para procurar, em vão e em "rebanho", o que acrescentaria mais ao que já tinha, acabando por perder tudo, apenas alimentando de histórias um folclore que não é já o seu. Avalon é, não esse lugar desconhecido, mas um trajecto imaginado de quem perdeu o que tinha (o reino e a rainha), sem destino conhecido, como a viagem imaginada do hidroavião. Artur é uma espécie de Encoberto que leva consigo um cego curioso como testemunha, o que talvez diminua esse mito que alguns assumem representar uma certa portugalidade.

O leitor infantil não saberá fazer esta leitura, mas este Encoberto desgraçado entre desgraçados, juntar-se-á aos reis e príncipezinhos que saem de um lugar que as crianças poderão reconhecer, para um não-lugar das possibilidades ainda não esgotadas. Não será



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

um "amanhã que canta", mas também já não é "a barraca, a fome e o ventinho das gripes" insuportáveis (pág. 15).

Conclusão

As questões, ou hipóteses que queríamos confirmar, são as que colocámos no título: a importância da investigação em literatura infanto-juvenil como contributo para uma perspectiva de valorização dos estudos literários nas actuais escolas, ou faculdades, de ciências sociais e humanas. Estamos em crer que estes "porquês" que destacámos a propósito de cada obra, ajudam a confirmar as nossas hipóteses. Mas este texto é apenas uma experiência que produzirá conhecimento, mas uma pequena parte para o conhecimento e que defendemos deve alargar-se e multiplicar-se. Ora, a Humanidade procura sabedoria e isso, nós sabemos, não é o mesmo que conhecimento. Como diz uma citação famosa atribuída a um jornalista britânico, e inventor do "franglais", língua fictícia que mistura francês e inglês, o britânico Miles Kington (1941–2008): "Conhecimento é saber que o tomate é um fruto, sabedoria é não o usar na salada de frutas."

É por isso que este texto é também só um desafio, a que se olhe não apenas para os consagrados e para os clássicos, mas sobretudo a percorrerem-se os bons autores, os que conhecem e se dedicam com (quase) exclusividade à literatura para a infância e juventude. E a que se procure neles esse lugar central dos estudos literários, sem o qual não se cumpre a desejada educação literária.



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antunes, António Lobo. *História do Hidroavião*. Lisboa: Dom Quixote, 2005.
- Borges, Jorge Luís. *Este Ofício de Poeta*. Lisboa: Relógio D' Água, 2017.
- De Man, Paul. "The Resistance to Theory." *Yale French Studies*, no. 63 (1982): pp. 3–20. <https://doi.org/10.2307/2929828>.
- Etcheverry, Juan Pablo "A Maior Flor do Mundo", *online* 2009, <https://vimeo.com/3691184>.
- Ferreira, Vergílio. *Contos*. Lisboa: Bertrand, 1976.
- Ferreira, Vergílio. *A Estrela*. Lisboa: Quetzal, 1988.
- Queirós, Eça de. *Cartas de Inglaterra*. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1905.
- Ramos, Ana Margarida (2003). "Vias da Literatura Infantil Contemporânea: o caso de A história do hidroavião de António Lobo Antunes." In *Rumos da Narrativa Breve*, coord. Maria de Jesus Saraiva, 93-10. Aveiro, Centro de Línguas e Culturas - Universidade de Aveiro, 2003.
- Rodrigues, Isabel Cristina. "Vergílio Ferreira ou a negação do conto". In *Via Atlântica* nº 4 (Dezembro 2003): pp. 130-39. <https://doi.org/10.11606/va.v0i4.49607>.
- Saramago, José. *A Maior Flor do Mundo*. Lisboa: Caminho, 2010.
- Saramago, José. *O Lagarto*. Porto: Porto Editora/Fundação José Saramago, 2016.
- Simões, Rita. "A contar é que a gente se entende. Literatura e educação." In *Actas do Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*, 8, Braga, Portugal, 2005. [CD-ROM], coord. Bento Siva e Leandro Almeida, 229-238. Braga: Centro de Investigação em Educação do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 2005.
- Shavit, Zohar. *Poética da Literatura para Crianças*. Lisboa: Caminho, 2003.



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

Veloso, Rui Marques e Riscado, Leonor. "Literatura Infantil, brinquedo e segredo." In *Malasartes - Cadernos de Literatura para a Infância e Juventude* nº 10 (Dezembro de 2002): pp. 26-29. Porto: Campo das Letras.



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

RESUMO

Analisa-se casos de autores centrais e canónicos da literatura portuguesa contemporânea que, pontual e esporadicamente, escreveram textos dados a ler, ou propositadamente dirigidos, a leitores infanto-juvenis: Vergílio Ferreira, José Saramago e António Lobo Antunes. Pretende-se realçar a importância da investigação no campo de estudos deste subsistema literário, na perspectiva de definição de literatura como sistema, desenhada por Itamar Even-Zohar. Se as obras neste subsistema se caracterizam pela multimodalidade, ou uso de diferentes linguagens para além da verbal que, muitas vezes, é de ocupação mínima das páginas, a abordagem a partir dos estudos literários não pode, em opinião que se argumentará, nem deixar de relacionar a sua especificidade de análise e interpretação com essas outras formas de comunicação estética, nem deixar que as suas metodologias de criação e leitura secundarizem a arte verbal que, sem polémicas, define, ou vai definindo, o que é literatura.

PALAVRAS-CHAVE

Palavras-chave: Literatura para a infância e juventude; leitura literária; investigação em estudos literários; literatura portuguesa contemporânea; educação literária.

ABSTRACT

We analyse cases of central and canonical authors of contemporary Portuguese literature who, occasionally and sporadically, wrote texts given to read or purposefully addressed to children and young readers: Vergílio Ferreira, José Saramago and António Lobo Antunes. It is intended to highlight the importance of research in the field of studies of this literary subsystem, from the perspective that defines literature as a system, designed by Itamar Even-Zohar. If the books in this subsystem are characterized by multimodality, or the use of different languages in addition to the verbal one, which often has minimal occupation of the pages, the approach based on literary studies cannot, in the opinion that will be argued, not even fail to relate its specificity of analysis and interpretation with these other forms of aesthetic communication, nor to let their methodologies of creation and reading give second place to the verbal art that, without controversy, defines or goes on defining what literature is.

KEYWORDS



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

Children's literature; literary reading; research on literary studies; contemporary Portuguese literature; literary education.